AMBIENTE ESCOLAR: ESTRUTURA FÍSICA E CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO E PERTENCIMENTO DO EDUCANDO.

SIMONE CONCEIÇÃO DOS SANTOS

Resumo

A indagação deste trabalho deseja mostrar a importância da estrutura física da escola para o aprendizado e pertencimento do aluno. Ostenta a necessidade de refletirmos sobre as influências do ambiente escolar para educação e integração e suas relações no contexto histórico do Brasil. Auxilia aos futuros educadores a refletirem no papel pedagógico da estrutura física escolar e sua transformação por aqueles que o constroem e o ocupam.

Palavras-chave: Aprendizagem, Estrutura Física e Pertencimento.

1 INTRODUÇÃO

O momento que passamos na escola em nossa infância tem uma Importância muito grande em nossas lembranças e recordações e este espaço passa a ter um significado especial onde a crjança é inserida numa experiência coletiva. É lá que muito de sua vivencia coletiva e seu aprendizado acontece de uma maneira diferenciada, porém para que isto aconteça é essencial que este espaço seja adequado para que uma proposta pedagógica se torne eficaz. Este projeto fala sobre as mudanças históricas na arquitetura escolar no decorrer dos anos, o seu significado social e político em cada época, apresentando desde os imponentes prédios bem localizados, as escolas no período industrial que passa a ter uma visão mais coletiva com a necessidade de formar mão de obra mais qualificada, até as que conhecemos hoje com uma arquitetura mais simples onde segue na sua maioria um modelo padrão, pois se tem a necessidade de construção em massa destes edifícios para atender a grande demanda e procura por este serviço. O trabalho aqui apresentado propõe a avaliação destes ambientes escolares.

Enfim, este trabalho discute as mudanças que ocorreram no decorrer dos anos e com as diferentes políticas neste período que ocasionaram nas mudanças nestes espaços bem como a importância deste ambiente para as pessoas que lá se encontram e propõem como estas mudanças ajudariam para que as pessoas que por lá passam se sintam pertencentes. Assim discute como adequar estas construções as necessidades dos alunos e professores propondo uma reflexão sobre o significado do ambiente no processo de construção do conhecimento e do ensino aprendizagem.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 – As mudanças da estrutura escolar no Brasil.

No Brasil ao longo do século XIX o ensino era ministrado em edifícios adaptados para tal função. Somente no final do século XIX com o desenvolvimento industrial e urbano junto com o advento da Republica que assegurava a educação para a população que se começou a pensar em um projeto de estrutura escolar.

Assim a escola passa a ser vista como um equipamento de essencial e se vê então a necessidade de se pensar em espaços específicos destinados para a prática do ensino. A escola antigamente era destinada somente para as elites e para a formação de futuros dirigentes, tinha uma arquitetura superior aos demais edifícios que identificava as escolas com a cultura das elites (LIMA, 1995:78). No período entre 1870 e 1889, o imperador decide aplicar as reservas obtidas com a vitória na Guerra do Paraguai, nas construções das primeiras edificações especificas para fins educacionais no Rio e Janeiro. Edificações estas com localizações privilegiadas, arquitetura com caráter imponente com acabamentos com frontões das armas imperiais e que mostravam condição de homenagem ao Imperador (SISSON, 1991:67). Tinham alas separadas para meninos e meninas, recinto para administração e normalmente, a existência de pátio interno central. (AZEVEDO,1995). Com a era da industrialização que trouxe as vilas operárias, surge a necessidade de construções de escolas destas vilas. Diante da descentralização do sistema e a necessidade de construção mais massificadas destes edifícios, estes prédios perdem sua imponência e ganham a noção de projetos mais simples e padronizados, projetos estes que muitas vezes serviam para outros prédios públicos não só para as escolas. O estado de São Paulo que neste período de 1980 a 1920 se destacou nestas construções, seguia a linha de projetos que com pequenas adaptações podiam ser construídos em diversas situações de locais. As diferenças, quando aconteciam eram nas fachadas. Depois da revolução de 30 a escola idealizada por Anísio Teixeira passa a ser pensada em edificações racionais, moduladas e com espaços otimizados, objetivos, de baixo custo e com grande desempenho funcional para atender a sociedade urbana industrial emergente. Assim as escolas vão se destacando das escolas do século XIX, que tinham como dogma a disciplina rigorosa com carteira em vilas, pregadas no chão, o professor colocado em posição de destaque e os visores colocadas nas portas da sala de aula e passam a ter

carteiras que se soltam do chão, permitindo arranjos diferenciados conforme a necessidade, refletindo assim em uma nova postura e visão de uma sociedade mais dinâmica e com experiência da atividade coletiva.

Deixando de ser um lugar de prisão para se torna um lugar de socialização". A década de 70 é marcada no âmbito federal pela padronização e sistematização de critérios para os projetos escolares. Em 11 de agosto de 1971 com a lei 5.692 que fixa a Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º grau, o que traz como consequência uma nova interpretação física e espacial da rede de prédios escolares (MEC S.G.PREMEN SOC.,1973:01), pois o mesmo deveria prever então ambientes para possibilitar não só as administração das aulas do currículo obrigatório mas também viabilizar ambientes que possibilitem novas atividades pedagógicas. Em 1984 a 1987 no Rio de Janeiro sobre o governo de Leonel Brizola, é implementado o projeto CIEPs- Centro Integrado de Educação Pública, fundamentada numa nova filosofia de escola, idealizada por Darcy Ribeiro, que tinha como objetivo a educação em tempo integral, ao qual a criança permaneceria mais tempo na escola, sendo assistida integralmente e está escola teria uma infraestrutura de saúde, alimentação e orientação adequadas. A estrutura destas escolas projetadas por Oscar Niemeyer, continha uma identidade de modernidade que tinha como objetivo oferecer às classes populares a oportunidade de ter uma escola mais digna e de qualidade. E também uma visão política de se tornar um marco político educacional do governo, onde os edifícios deveriam ser construídos em pontos estratégicos, de grande visibilidade na paisagem. No âmbito federal, no governo Collor, surge uma versão atualizada do CIEPs, com o objetivo de dar apoio integrado à criança e a família, oferecendo além da educação – com aulas convencionais e oficinas de preparação para a vida, assistência média e atividades esportivas. Com a rapidez que estes edifícios eram construídos e a avaliação do desempenho destes ambientais, foi fácil constatar a precariedade o quadro em que se encontravam as escolas e a perda de qualidade e da identidade destes ambientes. Os prédios se deterioravam e as instalações eram precárias comprometendo a saúde e o conforto físico dos usuários. Com um ambiente desinteressante, frio e sem apelo visual, com formas de organização espacial que não estimulam a descoberta, a criatividade e a percepção do aluno, comprometendo assim o desenvolvimento e a eficácia no processo educativo. Em São Paulo, em 1975 – em função da necessidade do aumento das salas de aula – o governo estadual cria o CONESP – Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo, sendo possível baratear os custos das obras e agilizar as construções das mesmas. Por consequência fez-se necessário a elaboração de vários manuais, que se tornaram referência para diversos organismos, que tratam dos projetos e organizações de edifícios escolares. Em 1987, surge a FDE- Fundação para o Desenvolvimento para a Educação – que reúne em uma única instituição todos os órgãos que cuidam de assuntos relacionados a educação, tanto no aspecto físico como no aspecto pedagógico (FDE, 2002). Fica claro assim constatar, que as escolas quando construídas em massa, sofre uma mudança qualitativa, perdendo assim sua identidade arquitetônica e sua referência com a comunidade ao qual está inserida. Estas escolas devem ser construídas e pensadas com um olhar mais atento as relações pessoa-ambiente. Onde possam acompanhar as mudanças e evoluções que ocorrem no contexto ao seu redor, respeitando as diversidades, ampliando o conhecimento e visão de mundo com espaços flexíveis, abertos e generosos de modo a atender possíveis transformações de ensino. A imagem ou aparência das edificações transmitem silenciosamente mensagens que tem um profundo efeito sobre as crianças, evocando uma resposta (Sanoff, 1995:59).

2.2 – Influência do espaço físico para lidar com o comportamento dos alunos.

Após a saída dos jesuítas, as escolas começaram a buscar um modelo de educação que se assemelhasse a perfeição. Esta busca ultrapassava as metodologias, se estendendo até as construções, pois por volta dos séculos XVII e XVIII, as construções eram imponentes, cada detalhe era pensado de modo a incutir o controle do poder político e religioso, o espaço escolar agora é visto como forma de dominar os corpos. Nesse mesmo pensamento Foucault (1987: 168) nos diz: "Uma observação minuciosa do detalhe, e ao mesmo tempo um enfoque político dessas pequenas coisas, era para controle e utilização dos homens, sobem através da era clássica, levando consigo todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processos e de saber, de descrições, de receitas e dados." Desta forma por meio do controle, a escola busca a perfeição e passa a reproduzir um espaço de ativas hierarquias e vigilâncias. Foi a partir do século XVIII, que as classes começaram a ser organizadas por séries, ou seja, idade, o que "... tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos... e assim fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar e de recompensar." FOUCAULT (1987) Nesta nova ótica, o professor tinha o papel de classificador, pois dentro da sala, cabia-lhe separar os lugares dos alunos de acordo com as capacidades julgadas pelo professor, é o que afirma Foucault quando nos diz: "... Os escolares das lições mais adiantadas, serão colocados nos bancos mais Próximo da parede e em seguida os outros segundo a ordem das lições avançando para o meio da sala... Cada aluno terá seu lugar marcado, ... Aqueles cujos pais, são

negligentes e tem piolho, ficam separados daqueles que são limpos... que o libertino e distraído seja colocado entre dois ajuizados ou comportados, ou fique sozinho." (1987: 168). Esta classificação reforçava as hierarquias e acabava sendo um ambiente altamente discriminatório para os alunos. O ensino era quantitativo e classificatório, o aluno era totalmente dependente do professor e este tinha como principal função domesticar e transferir conhecimento para os alunos. Ao longo dos anos, os exercícios se tornavam cada vez mais rigorosos, além de alunos aplicados, estes deveriam seguir uma vida ascética, neste período fica bastante marcando as tarefas de complexidade crescente que marcam a aquisição progressiva do saber e do bom comportamento. As pessoas acreditavam que com base nestes esforços ordenados, era a única maneira de se conquistar a salvação. O treinamento dos escolares era feito por meio de sinais sendo que a cada sinal, o aluno deveria reagir de um modo diferente. O autor Foucault (1987), nos apresenta claramente esta exigência da escola quando afirma: "Toda a vez que o professor quiser chamar a atenção das crianças e fazer parar qualquer exercício, baterá uma vez. Um bom escolar toda vez que ouvir o ruído deverá ouvir a voz do mestre ou antes a voz de Deus mesmo que o chame pelo nome..." De acordo com este método o aluno deveria estar constantemente atento aos sinais e atitudes do professor e os professores da época comparavam tal empenho a um personagem bíblico chamado Samuel que prontamente se apresentou a Deus, quando este o chamou. Outro ponto que também poderemos analisar era a importância da figura do professor, pois neste momento sua função é comparada a de um Deus e que este jamais poderia ficar sem respostas e nem ser contrariado. Ao se tratar de controle da presteza, as escolas trabalhavam fortemente o conceito de horário como forma de controle, os alunos deveriam seguir fielmente os horários que eram impostos, afim de seguir um padrão e se estabelecer prazos e limites para as produções do mesmo. Com o advento da revolução industrial que atinge também as escolas, os espaços começaram a se aperfeiçoar para assim ressoar na produção, sob estável vigilância.

Havia controles das atividades, atividades repetitivas e controle de horários a fim de domesticar os alunos. Com o passar dos tempos à disciplina evolui em matéria de otimização, exige-se também a máxima eficiência. Transcende para uma visão de conjunto, de resultado, uma visão mecânica que molda cada indivíduo de acordo com a necessidade do aparelho produtivo. As avaliações eram um objeto de poder impostas pelo professor, como efeito e objeto de saber, durante as avaliações que eram semanais os professores esperavam que seus alunos demonstrassem o máximo de extração das aulas que eles aprendiam. Na origem e no decorrer da história da formação das escolas, vemos que a maioria dos artifícios trabalhados na mesma, tinham o efeito, um poder que, em vez de se adaptar e de extrair, tinham como função "adestrar", desconsiderando as características de cada aluno, bem como suas vivencias e impressões do ambiente.

2.3 - O espaço escolar na Educação Infantil.

Atualmente, buscando uma perspectiva de sucesso no desenvolvimento infantil, o espaço tornou-se indispensável para o aprendizado. Nesse mesmo pensamento Horn (2004, p. 28) nos diz: "É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa." Desta forma, as características físicas de um ambiente coletivo infantil, devem ser muito bem planejadas, pois estes ambientes devem ser ricos e estimuladores, sendo considerado até mesmo um terceiro educador. Para Weinstein & Mignano (1993), um ambiente construído exerce influencias tanto direto como indiretamente sobre o usuário. Os autores afirmam que a forma como o ambiente é construído, transmite mensagens simbólicas sobre a intenção dos valores das pessoas que o controlam, por exemplo em uma sala tradicional, cujas mesas são enfileiradas uma atrás da outra, afeta a discussão e a participação dos alunos. Este conceito ao longo dos anos está sendo combatido na Educação Infantil, pois seu espaço é pensado de modo a promover a identidade do aluno, o desenvolvimento das competências, o sentimento de segurança, a oportunidade da interação social e o pertencimento do indivíduo. Nesta nova ótica o educador deixa de ser pensado como figura central do processo de ensino e aprendizagem passa se tonar um intermediador do conhecimento, pois a criança através do meio social e sua interação, desenvolve suas potencialidades e se torna construtora do seu próprio conhecimento. É o que nos fala Oliveira (2000, p.158) quando nos diz: "O ambiente, com ou sem o conhecimento do educador, envia mensagens e, os que aprendem, respondem a elas. As crianças e ou os usuários dos espaços são os verdadeiros protagonistas da sua aprendizagem, na vivência ativa com outras pessoas e objetos, que possibilita descobertas pessoais num espaço onde será realizado um trabalho individualmente ou em pequenos grupos. " Frente a estas afirmações, o educador precisa ter a sensibilidade de trabalhar com os seus alunos e o ambiente de forma integrada, entendendo que o ambiente deve ser pensado de modo a satisfazer as necessidades das crianças, sendo estimulador e ao mesmo tempo desafiador. Ao longo da Educação Infantil o espaço deve ser planejado de acordo com a idade e a necessidade da criança. De acordo com Forneiro (1998), os espaços devem atender a critérios de organização

e é isto que definirá o cenário de aprendizagem. Por exemplo, num espaço destinado a bebês, não pode deixar de atentar para a segurança e conter brinquedos e objetos que estimulem o valor afetivo, além de ser um espaço de modo a permitir que as crianças engatinhem e se sintam livres, os objetos devem ficar à disposição para que os bebês possam mexer e vivenciar, na sala é importante ter espelhos para que as crianças possam se ver e se reconhecer. Dos dois aos três anos, os espaços devem conter diferentes cantinhos com objetos diversos, por exemplo, livros, brinquedos, objetos que favoreçam o uso da imaginação, pois nesta fase é importante trabalhar o imaginário e a autonomia. Dos quatro aos seis anos, os materiais na sala devem estar a disposição das crianças, proporcionando a leitura, a escrita, os jogos e a imaginação, nesta fase é importante que a criança se perceba no espaço e este deve propiciar a identidade pessoal e social. Durante todo o percurso da criança na Educação Infantil ela precisa vivenciar os espaços que proporcionem oportunidades para o seu desenvolvimento global e habilidades infantis, possibilitando as crianças o compartilhamento dos conhecimentos adquiridos com o que ainda hão de adquirir. Os espaços infantis devem atender as funções relativas ao desenvolvimento da idade, é o que afirma Carvalho e Rubiano (2001, p.109) : " Todos os ambientes construídos para crianças deveriam atender cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades para contato social e privacidade." Por fim os referenciais teóricos são unanimes em afirmar que as aquisições das relações sociais e cognitivas, tem relação com o ambiente, o que nos permite afirmar que o ambiente na Educação Infantil tem influências positivas no desenvolvimento das funções motoras, sensoriais, lúdicas e simbólicas na vida da criança, se tornando parte integrante na ação pedagógica.

2.4 - O espaço escolar nas séries de ensino fundamental e médio.

As escolas que temos hoje são construídas, são pensadas quase que exclusivamente em atender a uma grande quantidade de demanda de alunos e assim perde-se em qualidade nas estruturas que muitas vezes são construídas de uma maneira rápida e barata não atendendo as necessidades básicas dos que ali ficaram. São estruturas sem atrativos que não contribuem para o estimulo, aprendizagem e interação destes alunos e não atendem as necessidades que cada idade e fases necessitam. Enquanto as escolas de ensino infantil e as pré-escolas buscam muitas vezes ambientes que estimulam as crianças, trazendo ambientação e apelos visuais apropriados para esta idade, as escolas de ensino fundamental e médio em geral não conseguem os mesmos objetivos, não sendo um espaço interessante e prazeroso para estes alunos. De acordo com LIMA (1995): "Para qualquer ser vivo o espaço é vital, não apenas para a sobrevivência, mas, sobretudo para o seu desenvolvimento. Para o ser humano, o espaço, além de ser um elemento potencialmente mensurável, é o lugar de reconhecimento de si e dos outros, porque é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades e estabelece relações sociais". (LIMA, 1995p.187) A escola deve propiciar a todos os alunos independentes das séries que eles estejam espaços capazes que os mesmos consigam se movimentar e se socializar com os demais alunos, espaços que estimulam sua curiosidade e ajudem no seu desenvolvimento. No chamado currículo oculto, presente na organização do tempo e do espaço, é possível transmitir estímulos, conteúdos e valores e a arquitetura escolar tem este potencial de facilitar ou impedir a aprendizagem, porém, alunos do ensino médio se utilizam do mesmo espaço ambientado muitas vezes para alunos das séries iniciais do ensino fundamental. Assim, a escola não possui um ambiente alfabetizador, com cores que não estimulam, grades e portões espalhados em quase todos os compartimentos, os laboratórios, quadras e parques, quando a escola possui, só podem ser utilizados por tempo que não contemplam as suas necessidades e sobre vigilância direta dos professores e coordenadores. Os alunos não têm a liberdade de se manifestar e de sugerir como ele espera que este ambiente seja e assim propor transformações no espaço escolar. Sabemos que a escola deve ser um ambiente que estimule a autonomia de pensamento e conhecimento dos alunos, porém tais ambientes não estão possibilitando que eles manifestem estes pensamentos, uma vez que estes edifícios são construídos para eles devemos permitir que eles digam o que eles esperam deste local. As necessidades espaciais diferenciam muito de idade para idade e a escola deve oferecer um ambiente que acompanhe o crescimento da criança. Enquanto as crianças das séries iniciais têm uma relação com os espaços fluidos e contínuos abertos aos estímulos visuais e auditivos, os adolescentes por não se identificarem com crianças menores torna-se difícil que compartilhem do mesmo espaço. Eles necessitam associar-se em grupo e para isto necessitam de espaços apropriados onde possam conviver e manifestar-se. Devemos pensar em um espaço escolar que educa e que consiga interagir com os alunos, dê acesso ao conhecimento e as informações necessárias para a produção deste conhecimento. Que propicie um espaço educativo e respeite as necessidades e as particularidades de cada fase e que acompanhe o crescimento e o desenvolvimento propiciando espaços que favoreçam a exploração e a experimentação, estimulando os alunos de maneira a construir seu conhecimento individualmente e de forma colaborativa.

2.5 - Impressões do espaço percebido, do espaço vivido e o pertencimento neste espaço

O espaço escolar tem de uma relação direta com a sociedade e com o ambiente ao seu redor. Esta ligação está relacionada com o emprego que esta sociedade faz deste ambiente. Neste espaço ele deve ser capaz de se reconhecer, receber e de transmitir valores culturais e conhecimento, tendo a escola um importante papel social ajudando na transformação e na produção do conhecimento, o espaço deveria existir para possibilitar o acesso à diversidade cultural e reconhecer assim os sujeitos que estão inseridos em seu ambiente. A organização do espaço reflete as experiências com o mundo, isto acontece com a sua ocupação e sua transformação. Como a escola é um lugar com relações estabelecidas por diferentes indivíduos, é um ambiente transformado pela coletividade onde se estabelece vínculos. Segundo RAFINA (2009): " A sala de aula é uma importante organização social composta por diferentes atores que necessitam de necessidades educacionais especiais, mas embora eles estejam presentes fisicamente, não lhes é permitido a possibilidade de modificar estes espaços, ou seja, de exercer a sua própria cidadania". A escola é vista como um espaço educativo, onde o conhecimento e a socialização devem fazer parte do seu dia a dia, tudo isto tem que acontecer de uma maneira prazerosa que busque estimular os alunos a sentir vontade e satisfação em estar neste local. Mas, porque é tão difícil fazer com que estes alunos sintam alegria e a vontade neste ambiente? E por que este local se torna alvo de tanto descaso e depredação pelos que lá estão? Para Didonet (2002) o espaço da escola não é apenas um território, que guarda alunos, professores, livros, mas é um lugar de aprendizagem, há uma docência neste espaço, ele caminha com a dinâmica sócia, gera ideias, sentimentos, busca o conhecimento, Porém o que vemos é um ambiente que não acompanhou o crescente desenvolvimento que aconteceu nas outras áreas da sociedade. Um ambiente parado no tempo, comum e sem atrativo. Apesar de se tratar de um lugar com tantos significados estamos tão acostumados com esta estrutura ou esta imposição que nos trazem deste espaço que a aceitamos desta maneira se tornando habitual de nossa percepção de realidade. Esta percepção é cultural e para Frago,(1988) "... todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isto não percebemos espaços senão lugares, isto é, espaços elaborados, construídos. Espaços com significados e representações."(VIÑAO FRAGO,1998, p. 105). A escola deve representar para cada aluno um espaço com significado e representações onde ele possa se apropriar e transformar o seu espaço construindo um conceito diferente, lugar que se sinta pertencente. "A consciência do espaço refere-se a um sentimento de pertencimento a um lugar ou território, consiste no campo da identidade e relacionase com a intencionalidade com a qual faz a representação de nossas ligações, constroem-se os mitos e definem os agrupamentos humanos. " (REGO, 2006). Assim se os alunos que lá se encontram não conseguem se sentir parte deste ambiente eles se fecham para as relações e qualquer coisa que a escola tem para lhe oferecer, tendo prejuízo na relação de ensino e aprendizagem e também com a socialização com os demais alunos e profissionais presentes neste ambiente. Ele não se sente responsável por aquela instituição não sentindo necessidade de zelar por ela. A escola é um local onde passamos boa parte de nossa vida, onde nos socializamos com pessoas de diferentes culturas, lá fazemos amizades, compartilhamos momentos e levamos lembranças e marcas que nos acompanharam por nossa vida toda. Mas apesar de tudo isto, as pessoas que desfrutam deste lugar se veem em um ambiente de exclusão, ambiente ditador que não possibilita que estes alunos se expressem. Suas edificações são construídas para reforçar esta ideia, com espaços e salas separadas e privilegiadas para a direção e coordenação da escola, acesso restrito a alunos que ficam em salas coladas uma nas outras, pequenas com poucos atrativos e nenhuma motivação visual ou estrutural. Esta estrutura que passa despercebida e mostra uma aparente neutralidade das edificações e suas localizações escondem na verdade um espaço de poder e ideal político. A instituição escolar é um importante de segmento social do ser humano, indispensável na promoção da inclusão social e facilitador, para que o aluno identifique sua identidade particular, porém quanto menor o seu sentimento de pertencimento mais distante deste processo o aluno estará. Para que isto aconteça a escola precisa ser reestruturada e repensada as suas funções educacionais, políticas e sociais afim de proporcionar a todos que dela desfrutam um atendimento conforme as necessidades de cada um. Sociedade, alunos, professores e gestores devem juntos pensar em um espaço que atenda às necessidades da comunidade, ter uma relação social pensando no coletivo e com ideias e atitudes simples propor mudanças pensando na melhora destes ambientes baseados nas necessidades do aluno e o que deixaria este espaço mais atrativo para eles, dividindo as responsabilidades e escutando as suas necessidades para que assim eles possam pertencer de verdade a este ambiente e sintam prazer em fazer parte e cuidar deste lugar tão significativo e importante para seu crescimento cultural.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Nossa pesquisa se configura em um levantamento histórico e bibliográfico, de natureza básica e abordagem qualitativa, sendo baseado em estudos de obras e teorias educacionais de autores que abordam o tema proposto pelo grupo.

.

4. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da elaboração desta pesquisa vimos claramente a importância da estrutura física para o processo de ensino e aprendizagem e o impacto destes edifícios na convivência e na aceitação dos alunos para manter um convívio e um bom relacionamento neste ambiente. Vimos que no contexto histórico, os edifícios escolares sempre expunham objetivos políticos, mesmo no período em que ele era destinado somente para a elite com construções imponentes e cheias de simbolismo até os dias de hoje com edifícios mais simples, sempre reproduzindo as opiniões e pensamentos pré-elaborados. A princípio a escola era um local de exclusão com suas arquiteturas superiores destinadas a formar os futuros dirigentes. Com o tempo a arquitetura se torna mais simples e padronizada atendendo as necessidades de formação de mão de obra, mas continua preconceituosa, com dogmas de disciplina rigorosa com carteiras enfileiradas, pregadas no chão e o professor colocado na posição de deus, detentor de toda a verdade, não podendo ser questionado. A escola tinha a principal função de "adestrar" os alunos e impor o respeito à hierarquia. Hoje ainda estamos bem distante do ideal na educação, mas podemos ver escolas abertas a todos, sendo um espaço de exposição de opiniões, menos discriminatória e a função do professor nesta nova perspectiva é a de estimular a curiosidade do aluno se tornando um intermediador do saber. As construções ainda não são as mais adequadas, porém na educação infantil estes prédios são mais estruturados, com salas ambientadas para melhor atender as necessidades das crianças, pois passa a se pensar em ambientes educadores com função de estimular as crianças atendendo as necessidades de cada idade. Já nas demais séries é um processo que ainda esta em construção, ainda existem prédios únicos destinados para crianças de diferentes faixas etárias, adolescentes e crianças dividem os mesmos espaço e a maioria destes edifícios possuem grades e portões que tiram a liberdade destas crianças e não torna possível uma relação mais intima com a escola, tornando menos provável que estas queiram se tornar parte pertencente deste lugar que é tão importante para seu crescimento e desenvolvimento. Através do processo histórico e dos dados coletados podemos então concluir que apesar das inúmeras mudanças vemos que ainda temos muito que melhorar, estes espaços devem ser repensados para melhor atender as necessidades daqueles que por lá passarão, entendendo que escola, sociedade e governo devem trabalhar juntos para ajudar a melhorar a visão que os alunos tem da escola e assim se sintam pertencentes ao mesmo, ajudando na sua mudança e melhoria pois a principal função da escola é formar cidadãos conscientes de suas responsabilidades, direitos e deveres e tais filosofias também devem estar intrínsecos na parte física da escola.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba.

Organização dos Espaços em Instituições Pré-Escolares. In: OLIVEIRA, Zilma

Morais. (org.) Educação Infantil: muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DIDONET, Vital,2002, texto programa Salto Para o Futuro, Escola do sonho à realidade, Padrões mínimos de qualidade do ambiente escolar.

FARINA, Barbara,2009 INCLUSÃO E A FORMAÇÃO DE LUGARES: DO

PERTENCIMENTO À ESTIGMATIZAÇÃO http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(40).pdf.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, Miguel. Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

HORN, Maria da Graça de Souza. Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, Vera Barros de. O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis: Vozes, 2000.

REGO, N. (Org.). Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais - Educação, geografia, interdisciplinaridade.1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. 342 p.

VIÑAO, Antonio A. in BENCOSTTA, História da educação, Arquitetura e Espaço Escolar, cap.I, espaços usos e funções São Paulo: Cortez, 2005,p. 10.

VINÃO-FRAGO,A., ESCOLANO,A., (1998).Curriculo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A. p.105.Elemento obrigatório, elaborado de acordo com a NBR 6023:2003.

WEINSTEIN, C.S. & MIGNANO, Jr. A. J. Elementary Classroom ManagementLesson from Research and Practice. New York, McGraw-Hill, 1993.